

## Terra Brasil - 500 anos

*Maria Thereza Rocha Ferreira*

Extenso chão, este meu, que um dia verei construído. Para percorrê-lo os índios contam ser preciso muitas luas. Um caminhar sem fim. Onde deixam o rastro da caca, da pesca, da espreita...E perscrutam no azul distante as ameaças que povoam seu imaginário. O arco retesado em direção à linha do horizonte, vigiam.

Sou terra intocada, plena do verde que me reveste. Terra virgem. Terra à vista.

Farejamos a sua chegada...

Eles aportarão ao longe com seus mastros e cruzeiros, velas e cordas, madeirames e âncoras, tantos artefatos. Costumes estranhos aos nativos, mais despojados. Que precisam apenas das pirogas correndo os rios, a maloca a proteger das tempestades, o urucum e o colorido das penas a conferir valentia.

Eles virão, eu sei. As naus mastreadas e encimadas pela Cruz de Copta - símbolo da ordem dos templários, e os brancos panos inflados ao vento partiram em busca de especiarias, e me encontrarão numa longínqua rota. Onde a sede do desconhecido lhes será adversa, em toda a sua jornada - do medo da travessia ao desafio da sobrevivência...

Nosso pressentimento se confirma nas "horas de véspera", já contadas tantas luas que os esperávamos! E chega vestido em trajes de navegadores, soldados, marinheiros, sacerdotes, degredados, expatriados. Estes são os primeiros a pisarem o meu solo. Sem atinar para a vastidão da terra descoberta. Nem os desafios da missão futura destinada a todos que desembarcarem em meus domínios. Serão eles, conquistadores e colonos, com suas heranças ancestrais intactas, passadas de geração em geração, cravadas no inconsciente - sejam nobres, sacerdotes ou degredados - que irão espalmar as mãos em gestos primevos, e farão germinar quando da construção dos seus arraiais, praças

fortes, fortins, igrejas, casas de câmara, casas de cadeia e casas de moradia, as construções dos primeiros tempos.

Com estes gestos eles imprimirão em suas obras, ao longo dos anos, as características culturais que vieram embaladas nas caravelas, e das quais não poderão escapar. O tracado irregular das ruas lembrará a cidade medieval portuguesa. As praças fortes trarão a herança romana, dos visigodos e dos muculmanos. As fortificações serão de influência italiana. As igrejas futuras, fruto da riqueza e do poder, acompanharão os estilos europeus, com suas tendências jesuíticas, barrocas e rococós. Apenas a construção rural terá suas raízes fincadas no meu chão.

Eu os encantarei com meus mistérios: que este povo ibérico, de origens mediterrâneas, ao pisar-me com volúpia e ganância - povo navegador, inquieto guerreiro da aventura das Cruzadas e herdeiro dos celtas e mouros - pague caro a sua audácia. E logo se encontre prisioneiro de seu próprio deslumbramento e dos laços que irá atando, sem perceber. E enquanto procura o ouro reluzente, prometido pelo náuatle asteca e ouvido das lendas incas, crie raízes... Eu despistarei os aventureiros, fornecendo a madeira preciosa - o pau-brasil, e eles irão esquecendo que, "sua fome verdadeira é de rios muito largos, com franjas de prata e de ouro, de esmeraldas e topázios." Esta lhes trará o ódio, a cobiça, a inveja, os impostos, as cadeias, as algemas...

É meu vaticínio: uma vez descoberta e conquistada, que me povoem, me defendam e me construam. Porque do ouro, pouco lhes restará. Apenas as igrejas chamadas de "igrejas douradas", pelos portugueses...

Possuo uma outra riqueza a oferecer: a aroeira, o pau d'arco, o angico, a carnaúba, o jucá, os ibirá - una, a braúna, o cedro; povoarei um dia meus parques com as algarobeiras, as acácias, os oitis, as timbaúbas, e os eucaliptos, para que suas sombras povoem as ondulantes alamedas... Tenho as pedras, a cal, o barro, as arcias, tudo o que carecem. Apenas peço que desenhem o meu rosto com uma expressão própria. Com a "compreensão da paisagem", do contexto onde permaneceremos, povo e terra, desde as primeiras paliçadas, ermidas e fortins, até o fim dos tempos.

Vejo a luta dos primeiros colonos para se estabelecer em definitivo. Procuram seus próprios meios de subsistir. Substituem aos poucos as primeiras e precárias moradias por outras mais sólidas. Aprendem a se defender das intempéries. Trabalham meu chão.

Ao norte, para se proteger das grandes chuvas, desenham os telhados de quatro águas, cobertos por telhas-canaís de barro e prolongados em longos beirais, a salvar os alicerces da erosão. Nas regiões mais enxutas, o telhado de duas águas, com beirais de uma só ordem de telhas sacadas em balanço. A sólida feitura das paredes, a alvenaria de pedra, os tijolos de barro cozido e adobe, a taipa de pilão ou de pau-a-pique, são tantas as construções, ainda de caráter ibérico, mediterrâneo, mas que darão origem a uma arquitetura própria, desenvolvida neste meu infundo espaço!

Com traços diferenciados, tantos nomes, as moradas se multiplicam ligeiro, desde o primeiro momento: casas de palha e adobe, casas de taipa, casa forte, casa do sertão, casa de engenho, casa da fazenda, casa grande, casas geminadas, casas de campo, chácaras, sobrados... até chegar às edificações das grandes e congestionadas cidades de hoje... Tantas e rápidas mudanças nestes últimos cem anos...

Ao chegar aos quinhentos anos - data distante daquele dia em que nas "horas de véspera", eu e os meus nativos os avistamos pela primeira vez - e observar as favelas, as moradias precárias, as cidades desumanas que ora me povoam, me pergunto: Valeu a pena?

***"Tudo vale a pena, se a alma não é pequena"***

*(Fernando Pessoa)*